

## Pós 2022 - Entrevistas

Protocolo para as entrevistas com os membros da OE

Projeto Fapesp/2022

Orquestra Errante: improvisação musical e micropolítica

- a) Tendo em vista o seu histórico e sua biografia musical e pessoal (incluindo suas ideias, crenças, costumes, gostos, atitudes) e focando nas transformações e mudanças que eventualmente têm ocorrido: o que a participação nas atividades de IL trouxe e tem trazido para você em termos pessoais (corporais, emocionais, sociais etc.)?
- b) Como esse tipo de prática afetou/afeta as suas ideias de música? E quanto às suas ideias políticas?;
- c) O que mudou (se mudou...) na sua relação com o seu instrumento a partir da sua participação nas atividades de IL?;
- d) Em que medida as atividades de IL modificaram a sua vida, as suas ideias de música, as suas relações pessoais com a música, com a criação musical/artística, as suas ideias políticas e filosóficas.
- e) Se achar pertinente, comente como você sente a relação entre os aspectos mais "racional" e os aspectos mais "corporais" da sua atuação durante as performances (sabendo que essa visão dicotômica entre corpo e mente é muito controversa).

Algumas questões levantadas no curso da pós:

Ideias de música, IL = uma ideia de música

Ideias musicais se dão dentro de um contexto em que habitam algumas ideias de música = há uma espécie de pacto entre os envolvidos numa prática musical qualquer (idiomas/territórios)

História da "evolução" da música erudita europeia (modo maior) está, em grande parte, apoiada na tecnologia da notação. Notação não é música.

Notação é representação. Notação - teoria, melodia, harmonia, contraponto (organização do parâmetro das alturas e das durações, principalmente).

Nota não é som - ver Makis Solomos.

Outras culturas - outras ideias de música

IL - ideia de música, pan-idiomática

Molar x molecular

Tentando se livrar do muro branco e do buraco negro - música de fluxo/aqui e agora contingencial/experimental -

<https://razaoinadequada.com/2021/05/11/deleuze-e-quattari-rostidade/>

Sobre o dia 7/12: faremos, no horário da aula, uma performance de improvisação coletiva (musical/cênica) ao ar livre, naquele terreno que existe atrás da ECA (a chamada prainha). A ideia é filmar e gravar de vários ângulos, a partir de vários pontos de vista, com várias câmeras (simples mesmo, de celular...ou se alguém tiver algum equipamento mais sofisticado, tudo bem).

Depois, os registros serão colocados num drive e quem quiser/puder fará edições.

Inicialmente é importante afirmar que, por conta das recentes viradas epistemológicas decoloniais (ver Queiroz, Boaventura de Souza etc.), têm havido mudanças importantes mas, infelizmente, o ambiente educacional e institucional da música no Brasil (seja ela erudita ou popular) permanece essencialmente eurocêntrico, colonial, racista, patriarcal e machista. Nesses ambientes predomina a ideia de que há uma grande música universal (que na realidade, é a música erudita europeia) em contraposição às músicas menores dos outros povos – que são, em geral abordadas como músicas exóticas a serem estudadas no âmbito da etnomusicologia – e à música popular urbana – que, ou não é estudada ou é abordada apenas em seus aspectos técnicos e comerciais. Este contexto é marcado por uma régua de valoração estética baseada em uma suposta evolução histórica autônoma da linguagem dessa “grande música” que se sobrepõe e ignora os contextos sociais, históricos e geográficos aos quais todo esse repertório diversificado pertence e de onde se origina. Essas régua determinam e legitimam os repertórios escolhidos, as técnicas e as abordagens analíticas utilizadas. Por isso, em geral, nas universidades brasileiras, todo o rico e diversificado repertório da música popular brasileira é quase que totalmente ignorado, a não ser quando legitimado através de comparações com os paradigmas de excelência técnica impostos pela música europeia. Bem entendido: uma música é boa e relevante quando seus procedimentos técnicos (em geral, relacionados à complexidade e sofisticação da harmonia e da forma) se aproximam de algum paradigma europeu canonizado. Vale mencionar que essa música, supostamente universal, tem como fundamento de seu desenvolvimento e suposta evolução a invenção de uma “tecnologia” específica: a notação. Essa notação é uma representação (bastante limitada) abstrata do fenômeno sonoro que privilegia as frequências e as durações e que ignora os demais aspectos.

Relações entre macro e micropolítica de acordo com Rolnik (2018, p.117 à p. 145).